



Bontim

Galvotas vazias

Sousa

Refúgio, origem e memória

Praia de Ofir

Qualidade, Intermittência

Castelo de Almourol

Fiquei ali, entre o céu e o rio

Rua Direita

Abandono

Coستا Vicentina

Desolação

parque Natural Sudoeste Alentejano

O meu corpo

Transformação

Ventosa do Bairro

Impermanência

Mata Nacional do Bussaco

Encontro, Estorcismo, Resistência e Caminho

Resistência e Caminho

Parque Natural da Serra da Estrela

interior interioridade horizonte

Contumil

Mais cardos, urzes, muros de pedras

Ilha de São Miguel

Não uma noção, mas um nome: sopros

Tsavo West National Park, Quênia

Imersão

Venda de São José

Nostalgia de Futuro

Abrantes

Enraizamento

planeta Terra

Liberdade

Coimbra / FLUC

Fundão

Cabeço da Argemela

Casas da Mina

Serra da Gardunha

Casa do Bombo

Lavacolhos

Rio de Janeiro

Pedra de Hera do

Cabeço do

Praia do Meço

Infância tranquila

Identidade imersão

Tristeza, saudade, alegria

esperança, gratidão



## Ensaio aberto para um manifesto coletivo

10 meses, 28 dias, 196 horas, 5.595 km

As artes e a cultura como espaço de possibilidades *infinitas*, mas com recursos *finitos*.

Continuamos nos mesmos lugares, na mesma discórdia, no mesmo desconforto.

Fui ao mar, como um choque a água fria, o mar revolto, o vento forte conectou-me à realidade dramática deslaçada, uma nova ordem: individualismo radical, guiado pela ganância e tecnocracia... que desaire! Perdemo-nos uns dos outros na ânsia capitalista.

espectros
escalas
dilemas
disrupção
revolução
regeneração
crise de imaginação
até parece que estamos a mudar
Sabemos mais, sabemos melhor. Mas continuamos.

~~Continuamos dentro do sistema.~~ Continuamos com a vida como a conhecemos, como nos habituámos. **Mas custa compactuar. Custa continuar, custa romper, custa fazer diferente.**

welcome to the jungle
acabou. o que mudou?

Agora que aqui chegamos, entre a inquietação e o desejo de desordem, tentamos equilibrar a necessidade de mudança com a força do que é a norma.

Seguimos. Sem respostas definitivas, mas com a urgência de continuar a testar. **Em todo o lado encontram-se soluções milagrosas para acelerar o metabolismo humano e otimizar a produtividade. Em poucos lados encontram-se receitas milagrosas para reduzir o metabolismo da**

o mundo
a alma
a mama
a técnica não basta
a sustentabilidade precisa pulsar pensar como

preferes continuar a tua ação?

Peço que guardes a tua resposta contigo, e que te permitas parar e pensar um pouco nela no teu dia a dia. Agora, abre os olhos.

E agora que aqui chegamos? Continuamos. E, talvez, menos seja suficiente. Menos.

Neste tempo marcado por urgências sociais, ecológicas e culturais, talvez o foco passe menos por encontrar modelos ideais de gestão e mais por criar e sustentar espaços de fricção construtiva e aprendizagem partilhada. Esse exercício implica repensar não apenas a relação com públicos, mas também modos de funcionamento interno das próprias instituições e projetos. Apesar do discurso em torno da participação e inclusão, mantém-se com frequência uma rigidez de papéis inalterada: quem propõe, quem decide, quem executa, quem se faz ouvir.

Neste percurso **escolho escutar, implicar-me com um futuro em que caibam todos os seres.**

Trabalhar de forma horizontal não significa ausência de estrutura, mas antes uma redistribuição consciente de responsabilidade, decisão e proximidade — onde diferentes agentes, com aspirações, desejos e saberes diversos, podem contribuir de uma forma ativa e situada. Quando estes processos se enraizam em relações de proximidade, o micro revela-se como um campo fértil de transformação face ao macro. E as redes locais e colaborativas, sustentadas por afeto, empatia e corresponsabilidade, tornam-se capazes de abrir brechas nas dinâmicas políticas, sociais e culturais dominantes, marcadas por uma crescente polarização e desumanização. Há um espaço propício e flexível para uma prática ativa e enraizada em contexto, cuidado e relação, e numa construção de possibilidades partilhadas.

**Gestão com alma**
na arte
Entre o adoecer e caminhos
o REERQUER-ME de cura
descubro na meditação de presença
na respiração **uma travessia (atravessada)**

sociedade.

Talvez seja a partir do desequilíbrio — tenso, imperfeito — que possa **nascer a possibilidade de outro caminho**, feito de escolhas, umas mais pequenas outras maiores, mas conscientes, capazes de abrir brechas no sistema que já não nos serve e de encontrar soluções válidas.

Abrandar o ritmo de utilização de recursos.

Confiar em pessoas desconhecidas. Criar confianças mútuas.

As respostas não são todas iguais. Não seguir princípios universais.

**Menos é mais.**

que arqueologia espiritual é necessário fazer para recuperar a “comunidade de liberdades” onde a vida pode florescer?

Queremos ser parte de quem não aceita a fatalidade do mal.

UM OLHAR COM ESCALA
Qual o tamanho do futuro?
O agora?
O depois?
Daqui a 100 (cem) anos?
Daqui a 500 (quinhentos) anos?
Daqui a 1.000 (mil) anos?
Daqui a 1.000.000 (um milhão) de anos?

Distopias [transforma] Diz Utopias!

**Acredito na mudança. Não como um desejo vago, mas como uma responsabilidade concreta.**

Vivo num tempo em que as alterações climáticas deixaram de ser uma previsão para se tornarem parte do nosso presente.

ameaças
ameaças
ameaças

e a cegueira verde

uma montanha
cultivar
profundidade
escuta
resistência

num tempo de *colapso*
um “green book”
com coração
e a cultura **floresce**

onde tudo começa por **dentro**
como lugar de
desejo
justiça
pertencimento

Qual o tamanho da humanidade na Terra?
Devastador
Amor infinito
Cultural e diverso
Guerra e brutal
Natural e mínimo
Criativo
Conhecimento
Partilha
Dominador
Memória
Família

Uma viagem ao futuro é SAIR do Planeta para procurar outros, novos mundos para nós humanos continuarmos a viver?

Penso em circulação como um caminho a percorrer, e o que esse percurso, a várias velocidades e em diferentes direções, pode significar: experiências, encontros, trocas, partilhas, tempo.

Viajo para falar de ecologia. O carbono da minha passagem ri-se de mim em silêncio.

1,6 toneladas de CO2 por abraço.
As políticas culturais não devem continuar a promover o sistema produtivista que se vive atualmente no meio cultural, nomeadamente na área das artes performativas.

A criação artística pode contribuir para o desenvolvimento e

que torna a diversidade em bloco sólido e opaco pronto a ser explorado.

não importa apenas que histórias queremos contar no futuro, mas também quais as histórias que deixámos para trás, as que foram apagadas com fogo e cheiro de carne queimada. quando começou esta amnésia cultural?

o que encontra quem ainda se atreve a pôr as mãos nas brasas? para onde crescem as raízes que furam o betão à procura de significado?

além do imperialismo, do dogmatismo religioso, da febre nacionalista, que murmúrios ecoam nas florestas, nas montanhas, da lua à qual nos ligamos em círculo e em dança?

E é neste presente frágil e urgente que escolho atuar. Defendo uma visão de território onde a saúde, a educação e a cultura caminham lado a lado, com a mesma importância, com o mesmo peso na balança do bem-estar coletivo.

É por isso que afirmo com convicção, que a resignação jamais fará parte do meu *status quo*.

Estou a receber sais e água e a passá-los, estamos a alimentar-nos. Nós somos várias e estamos motivadas porque nestas alturas tudo flui mais, como uma onda ou uma palhinha. Acho que algumas de nós não estão assim tão empolgadas com esta missão mais excretora de CO2. Nós especulamos.

Eu gosto de choques elétricos que passam por nós durante o dia, especialmente de manhã quando estamos junto à janela da marquise. De noite, estes estímulos elétricos são mais pequenos. Sinto que aqui ao meu lado todo o CO2 que passo é absorvido com ritmo. Um dia sonhei que passávamos tanto CO2 que nos tornávamos **assassinas e carnívoras**. Não tenho muitas memórias do antes, mas já ocupámos mais espaço e menos espaço também. Pulgões e minhocas, uma máquina agrícola e uma escavadora têm feito parte do nosso dia a dia. Recebo constantemente pedidos para passar mais nutrientes, sais e água. Em

o mundo
a alma
a mama
a técnica não basta
a sustentabilidade precisa pulsar pensar como

sustentabilidade social, económica e ambiental do setor cultural e da sociedade, mas não será pelo foco no incentivo à criação de novas obras, e consequente sobrevalorização das mesmas, que o setor vai *evoluir*.

**Escutar de perto, transforma.** O impacto profundo não se mede em CO2. Aumentar o foco na circulação de espetáculos de artes performativas em todo o território nacional pode ser um caminho para um setor cultural mais equilibrado e para a democracia cultural.

Cada viagem deixa uma pegada, mas o encontro cria raízes: aprendizagens e memórias que ficam no território e em nós.

A mobilidade sustentável é um ensaio aberto: feito de encontros, perguntas e possibilidades. A mobilidade é paradoxal: cruzar fronteiras expande horizontes, mas cada deslocação tem um preço alto para o planeta e para a equidade.

Exigem-se escolhas conscientes: avaliar cada deslocação, prolongar estadias quando possível, garantir acesso equitativo a todos os territórios e profissionais da cultura. Exigem-se critérios éticos e ambientais, redes descentralizadas, financiamento justo, ferramentas digitais acessíveis e diálogo com quem pensa o futuro.

Recusamos o falso conforto da distância e o conformismo do isolamento. **Queremos mover-nos, sim, mas com responsabilidade e com sentido.**

Construir pontes sobre falhas de ligação. Persistimos entre contradições. Sabemos que cada escolha importa. Insistimos em procurar alternativas, em reinventar rotinas, em desafiar o que nos foi imposto.

Argemela mon amour
O futuro virou fantasma em Hiroshima.
Monstro empanurrado de velocidade e energia
Cantaremos as fábricas, roeremos as montanhas, furaremos o chão
Fumaremos a floresta, cuspiremos dejetos nos rios
Vivemos o apagão do petromacho moderno,
Adulto, veloz, especista e bélico
A Europa faz colônia de si mesma e exige sacrifícios ainda maiores das

muitas alturas existe stress. Lembro-me de ficarmos muito tempo assim. Fui sugada e apagando as minhas memórias, algumas ficam no vaso.

**Não, menos é menos.**
Produzir menos, comprar menos, possuir menos, consumir menos, cuidar menos, criar menos, desperdiçar menos, programar menos, circular menos, eficientizar menos, querer menos, esverdear menos.

O que queremos para o futuro (curto, longínquo)?
O que queremos para hoje?

Procuram-se: ideias e práticas para um futuro com tempo. 1 pessoa guia, e (no mínimo) 1 pessoa é guiada. Deixar sempre uma pausa após cada frase, para permitir a viagem. Pode realizar-se a solo, a pessoa pode auto guiar-se.

Nos tempos que correm, torna-se impossível ignorar a crise climática que vivemos, e muitas são as pessoas que tomam ação em defesa do planeta Terra.

Agora, fecha os olhos. Imagina que estás neste sítio. Aqui e agora. Como te estás a sentir? O que ias fazer neste preciso momento? Onde estás? Imagina que te obrigam a parar a tua ação por completo, à tua frente surge um grupo de ativistas climáticos que te impedem de continuar o que planeavas fazer. Não consegues prever quantos minutos ficarás imóvel. Incapaz de continuar. Concordas com a causa do grupo? Com a necessidade de abrandar o consumo, de proteger a natureza, o planeta? Não concordas? Porquê? Que sensações te provoca esta inação a que te obrigam? Que emoção? Permite-te viver essa emoção agora. E quando eu acabar de contar até 10, irás libertar-te dela. E permitir-te apenas parar, abrandar. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. Vendo-te na obrigação de parar, aproveita e repara nos sons à tua volta. O que ouves? E os cheiros? De onde vêm, que sensações te transmitem? O grupo de ativistas apela à ação, para que te juntes a ele. Vais? Ou

o mundo
a alma
a mama
a técnica não basta
a sustentabilidade precisa pulsar pensar como

montanhas portuguesas.
Amarela, pontilhada de carqueja, palmilhada por pessoas peregrinas, pastoras, agricultoras, forasteiras
o Ar\_geme\_la na serra
Território ancestral tratado como mapa de “recursos” a explorar.
A terra tem feridas abertas. Foi minerada, ardida, brutalizada.
Na curva do rio, a pilha de minério está pronta a despencar.
A mina abandonada. Repaginada
Arqueologia industrial. É o turismo empreendendo.
A labareda engoliu o pinhal, a aldeia na borda do precipício
E nestas urgências, em que lado estar?
Como ARTuar? Dançar e cantar?
Redesenhar necessidades, importunar as regras da cidade.
**descanonizar, descarbonizar**, decolonizar, simplificar, ancestralizar
Ambiente não é tema, ponto de agenda
É território, relação, espaço, criação
Zona de contato
Reanimar as linhas da natureza, perspectivar situações
Fazer o bombo tocar
Atrapalhar as napoleônicas invasões
Veja lá dona Maria
Se o seu galo canta, o meu **assobia**

Opções de hoje para depois.
**O que queremos? O que queremos? O que queremos? O que queremos? Continuamos.**

**Ecozine – número 1**

**Autoria:** Aura, Beatriz Vasconcelos, Catarina Silva, Célia Amaro, Clara Forte, Cristiana Vaza, Filipa de Assis, Filipa Fróis, Gonçalo Oliveira, Guida Rolo, João Pedro Mascarenhas, Leonor Lloret, Lisiane Mutti, Luís André Sá, Luna Rebelo, Márcia Bellotti, Maria Carneiro, Mariana Bessa, Nara Correia, Sinara Sandri, Sofia Teixeira, Tiago Dias dos Santos, Vanda Cerejo

**Impressão:** 200 exemplares, junho de 2025, ISSN 2976-050X

Trabalho realizado no âmbito do Laboratório da Pós-Graduação em Gestão Cultural e Sustentabilidade da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em associação com o CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares.

Ecozine © 2025 is licensed under CC BY-NC 4.0